

A TRIÁDE QUE FORJOU A ERA MODERNA

Misael Amaral¹

Samuel Marques Campos²

RESUMO - Este artigo pretende apresentar os três eventos que moldaram e forjaram o pensamento da Idade Moderna, quais sejam: o Renascimento, a Reforma e a Revolução Científica. Estes três elementos forma essenciais para construção da visão de mundo moderna, onde percebe-se uma autonomia do ser humano em relação transcendente, também foi um recorte temporal que emergiu uma série de inventos que propiciaram uma era de inovações e mudanças significativas na cosmovisão europeia. Da mesma forma, esses elementos refletiram e geraram mudança fundamental no caráter ocidental de reflexão teológica, social, cultural e religiosa. Importa dizer ainda que cada um desses concepções parecem estar articuladas e interligadas num processo de construção e desenvolvimento do “homem moderno.” Portanto, refletir sobre o Renascimento, a Reforma Protestante e a chamada Revolução Científica sugere ser um caminho a trilhar para um compreensão das características e *modus vivendi* da Modernidade.

Palavras-Chave: Modernidade; Renascimento; Reforma Protestante; Revolução Científica.

ABSTRACT - This article intends to present the three events that shaped and forged the thought of the Modern Age, namely: the Renaissance, the Reformation and the Scientific Revolution. These three elements were essential for the construction of the modern worldview, where

¹ Doutor em História (UERJ), Mestre em História (FGV), Engenheiro Naval (EN), Bacharel em Teologia (Unida), Especialista em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo pelo Centro Universitário Adventista em SP (UNASP) Especialista em História do Cristianismo pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e Curso de Extensão em Arqueologia Bíblia e Geografia Bíblia pela Moriah Center e Universidade Hebraica de Jerusalém (HUJI). Professor de História Antiga do Curso de Licenciatura em História da Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

² Samuel Marques Campos é bacharel em Ciência da Computação pela *Universidade Federal do Pará* (Belém, 2005). É licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (Batatais-SP, 2020). É especialista em Teologia Bíblica (Belém, 2007) e mestre em Teologia (Belém, 2010), ambos, cursos livres pelo *Seminário Teológico Batista Equatorial*. É especialista em Ciências da Religião pela *Faculdade Teológica Batista Equatorial* (FATEBE) (Belém, 2012), mestre em Ciências da Religião pela *Universidade do Estado do Pará* (2014) e doutor em Ciências Sociais, concentração em Antropologia, pela *Universidade Federal do Pará*. É Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação e Docente Acadêmico da FATEBE.

human autonomy is perceived in a transcendent relationship. It was also a time frame in which a series of inventions emerged that led to an era of innovations and significant changes in the European worldview. Likewise, these elements reflected and generated fundamental change in the Western character of theological, social, cultural and religious reflection. It is also important to say that each of these conceptions seems to be articulated and interconnected in a process of construction and development of “modern man.” Therefore, reflecting on the Renaissance, the Protestant Reformation and the so-called Scientific Revolution suggests that it is a path to follow towards understanding the characteristics and modus vivendi of Modernity.

Keywords: Modernity, Renaissance, Protestant Reformation, Scientific Revolution.

INTRODUÇÃO

A cosmovisão moderna foi produto de uma extraordinária convergência de eventos, ideias e personagens. Face à sua conflitante diversidade, gerou um fascinante olhar - de caráter radicalmente novo, com consequências acentuadamente paradoxais – tanto do Universo como do ser humano. Da mesma forma, esses elementos reverberaram e geraram outra mudança fundamental no caráter ocidental. Para compreender a emergência histórica da cultura moderna, a intenção é examinar as épocas complexamente entrelaçadas conhecidas como Renascimento, Reforma e Revolução Científica.

1. RENASCIMENTO

O fenômeno da Renascença reside tanto na pura diversidade de suas expressões como em seu caráter inovador. No recorte temporal de apenas uma geração, Leonardo Da Vinci, Michelangelo e Rafael produziram suas obras-primas, Cristóvão Colombo descobriu o Novo Mundo, Lutero foi de encontro a Igreja Católica, dando início a Reforma Protestante, e Nicolau Copérnico apresentou a hipótese de um Universo heliocêntrico, inaugurando a Revolução Científica. Comparado a seus antecessores medievais, o Homem do Renascimento parece ter subitamente saltado para uma situação virtualmente sobre-humana. Agora, era capaz de compreender os segredos da Natureza e refletir sobre eles tanto na Arte como na Ciência, com inigualável sofisticação matemática, precisão empírica e maravilhosa força estética. O mundo conhecido expandia-se imensamente; o ser humano descobriu novos continentes e deu a volta no globo. Desafiava a autoridade e podia afirmar uma verdade com base em sua própria

opinião. Apreciava a riqueza da Cultura clássica e, mesmo assim, ainda sentia-se rompendo os antigos limites para revelar campos inteiramente novos. Todas as artes atingiam novos níveis de complexidade e beleza: a música polifônica, a tragédia, a comédia, o drama, a poesia, a pintura, a arquitetura e a escultura. A independência e a genialidade individual estavam em ampla evidência. Nenhum domínio do conhecimento, da criatividade ou da exploração, parecia estar fora do alcance do homem.

Após a Idade Média, a Europa renasceu, em especial a Itália, emergindo da sinistra Peste Negra (1345-1347), as cidades italianas como Siena, Florença, Gênova e Veneza iluminaram o mundo, trazendo inovações, arte e a glorificação do homem. Sendo uma explosão de ideias das mentes mais esclarecidas do último milênio. Nenhum período da História da Civilização Ocidental produziu tantos gênios, ressaltando que enfrentaram desastres naturais sem precedentes, os dogmas da Igreja e a disputa entre eles mesmos.

Com a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. Sepultando o seu poder e domínio, os imperadores que unificaram a região já não existiam e a Europa ocidental se fragmentou e durante séculos a Europa foi governada por uma sucessão de reis germânicos e que chamaram seus domínios de Sacro-Império Romano Germânico, mas a partir do século XII começou a emergir um conjunto de Cidades-estados italianas que buscavam resgatar as glórias da antiga Roma e, a partir desta direção revitalizaram a Europa e criaram o molde do mundo ocidental. Portanto a Renascença italiana é tão inovadora quanto maravilhosa é considerado por muitos historiadores como a época de maior impacto do último milênio. A Era das Invenções com Da Vinci, Copérnico e Gutenberg e, como já explicitado, o momento do culto à personalidade, a era em que antigos artesões se tornaram artistas, quando construtores anônimos se tornaram em arquitetos, sendo que nestas cidades italianas surgiu um novo tipo de líder eram os mercadores, a burguesia.

Com o Renascimento, a vida humana pareceu adquirir um imediato valor inerente, uma animação e significado existencial que equilibravam ou mesmo deslocavam o enfoque medieval para um destino espiritual em outro mundo. O Home já não era mais tão secundário em relação a Deus, à Igreja ou à Natureza. A proclamação de Pico Della Mirandola sobre a dignidade humana parecia realizada em muitas frentes, em variados campos da atividade humana. O Renascimento não parou de produzir novos exemplos da realização desde o seu início, em Petrarca, Boccaccio, Bruni e Alberti, passando por Erasmo, Thomas More, Maquiavel e Montaigne, até suas expressões finais em Shakespeare,

Cervantes, Camões, Bacon e Galileu³. Este prodigioso desenvolvimento da consciência e da cultura não ocorriam desde o antigo milagre grego⁴ quando surgiu a civilização Ocidental, assim o homem do Ocidente renasceria.

A Era das invenções estava instaurada com o desenvolvimento científico, elas desempenharam um papel essencial na formação do mundo Ocidental pós medievo. Neste momento, em especial, quatro dessas invenções (todas com precursores no Oriente) entraram em uso disseminado no Ocidente, com imensas ramificações culturais: a bússola magnética, permitindo façanhas da navegação que abriram o globo à exploração europeia; a pólvora, contribuindo para o fim da antiga ordem feudal e a ascensão do nacionalismo; o relógio mecânico, fator de decisiva mudança no relacionamento do ser humano com o tempo, a Natureza e o trabalho, separando e libertando a estrutura das atividades humanas da predominância dos ritmos da Natureza; e a imprensa, que produziu um fabuloso aumento no aprendizado, levando tanto as obras clássicas como as modernas a um público cada vez mais amplo e erodindo o monopólio do conhecimento há muito nas mãos do clero.

Todas essas invenções tiveram grande influência modernizadora e, em última análise, secularizadora. A artilharia permitiu o surgimento de nações-estados separadas, mas internamente coesas, o que significa não apenas a derrubada das estruturas feudais medievais, como também o reforço das forças seculares contra a Igreja Católica. Efeito paralelo aconteceu no campo do pensamento, em que a imprensa rapidamente divulgava por toda a Europa novas ideias, muitas vezes revolucionárias. Sem ela, a reforma se teria limitado a uma disputa teológica relativamente pequena em alguma província germânica; a Revolução Científica, tão dependente da comunicação internacional entre muitos cientistas, teria também sido arrefecida. Além do que, a disseminação da palavra imprensa e o crescente aumento da alfabetização contribuíram para um novo *éthos* cultural, marcado por formas não comunitárias de comunicação e experiência cada vez mais individualizadas e privadas, incentivando assim o crescimento do individualismo⁵. A leitura silenciosa e a reflexão solitária ajudaram a libertar o indivíduo das maneiras tradicionais de pensar

³ Todos esses são nomes são representantes do Renascimento, compreendendo o período do século XIV ao XVII.

⁴ O chamado “milagre grego” foi a virada radical na história do pensamento humano, relacionada com o surgimento da Filosofia. Essa nova forma de pensar tem como traço marcante - Inventada pelos gregos por volta do século VI a.C. - a Filosofia é resultado da confluência de diversos fatores históricos.

⁵ Conforme Danilo Marcondes é a doutrina que valoriza o indivíduo acima de tudo, especialmente em relação à sociedade ou à comunidade a que ele pertence.

e do controle que a coletividade exercia sobre o pensamento; agora os leitores individuais obtinham acesso privado a inúmeras perspectivas e formas de experiência. E que de certo modo capta a essência da Reforma, a coisa mais marcante no protestantismo, conforme Lutero declarou “estamos sozinhos com nossas consciências, não podemos fazer mais nada”. Assim, a mensagem de Lutero apela para o individualismo moderno, uma recusa cega à autoridade.

2. A REFORMA PROTESTANTE

Quando o espírito do individualismo chegou aos campos da Teologia e da convicção religiosa dentro da Igreja, na pessoa do monge agostiniano alemão Martinho Lutero, irrompeu na Europa a importante Reforma Protestante. O Renascimento abrigara a cultura clássica e o Cristianismo numa única visão expansiva, mas nada sistematizado. A permanente deterioração moral do papado

A Reforma Protestante foi um movimento de caráter religioso que marcou a passagem do mundo medieval para o moderno. Entre um dos fatores de grande relevância que assinalaram esse período de transformações podemos destacar o novo contexto econômico do período. No ambiente das cidades, os comerciantes burgueses eram malvistas pela Igreja. Segundo os clérigos, a prática da usura (empréstimo de dinheiro a juro) feria o sagrado controle que Deus tinha sobre o tempo.

Além dos comerciantes, a própria crise econômica feudal também instigou a população a questionar os dogmas impostos pela Igreja. Os clérigos estavam muito mais próximos das questões materiais envolvendo o poder político e a posse de terras, do que preocupados com as mazelas sofridas pela população camponesa. Um dos mais claros reflexos dessa situação pôde ser notado com o relaxamento dos costumes que incitava padres, bispos e cardeais a não cumprirem seus votos religiosos.

Já no século XII apareceram os primeiros movimentos que questionavam as crenças e práticas do catolicismo. Entre outras manifestações, podemos destacar o papel exercido pelos cátaros, originários da região sul da França. Naquela região as distinções culturais históricas propiciaram a ascendência de uma fé cristã à parte dos ditames da Igreja Católica. Realizando uma leitura própria do texto, os cátaros tinham valores morais bastante rígidos que se contrastava com o comportamento dos líderes clericais.

No século posterior, vendo a grande presença do movimento religioso, o papa Inocêncio III ordenou a realização de uma cruzada que – entre 1209 e 1229 – aniquilou o movimento cátaro. Além disso, as acusações de feitiçaria

eram bastante corriqueiras entre indivíduos considerados suspeitos ou infiéis. Já na Idade Média, a Igreja criou o Tribunal da Santa Inquisição que percorria diversas regiões da Europa, reprimindo aqueles que ameaçassem seu poderio religioso e ideológico.

Outros intelectuais, nos séculos XIV e XV, também indicavam como os valores absolutos da Igreja já não tinham a mesma força mediante as transformações históricas experimentadas. O inglês John Wycliffe (1330-1384) redigiu alguns ensaios onde denunciava as ações corruptas da Igreja e defendia a salvação espiritual por meio da fé. Em certa medida, as teorias lançadas por esse pensador viriam a influenciar as obras de Martinho Lutero, no século XVI.

John Huss (1370 -1415) foi um padre que se preocupou em traduzir o texto bíblico em outras línguas e denunciou o comportamento dos clérigos católicos. A pregação por ele empreendida, ao longo da Boêmia, motivou a violenta reação das autoridades do Sacro-Império Germânico que ordenaram sua morte pela fogueira. A morte de Hus deu origem a um movimento popular conhecido como hussismo. A grande maioria de seus integrantes eram camponeses pobres insatisfeitos com sua condição de vida.

E como já explicitado o movimento renascentista também deu passos importantes no questionamento do papel exercido pela Igreja Católica. A teoria empirista de Francis Bacon; o heliocentrismo defendido por Nicolau Copérnico; e a física newtoniana descentralizou o monopólio intelectual da Igreja. O conhecimento gerado por esses e outros indivíduos lançava a ideia de que o homem não necessitava da chancela de uma instituição que o concedesse o direito de conhecer a Deus ou o mundo.

Dessa maneira, se formou todo um histórico de tentativas e fatos que antecederam a consolidação do movimento reformista. Mesmo sofrendo diferentes ofensivas ao longo do tempo, a Igreja ainda conservou um conjunto de práticas que complicavam a estabilidade do poder clerical. A venda de indulgências, a negociação de cargos eclesiásticos e a vida amoral ainda foram questões que incentivaram o aparecimento das novas religiões protestantes, com os chamados reformadores, como: Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zuínglio, dentre outros.

3. A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

A Revolução Científica foi a expressão final do Renascimento e sua contribuição definitiva para a moderna visão de mundo.

Até a época da Renascença, os habitantes do Ocidente dependiam dos

cinco sentidos e de uma série de pressuposições sobre a criação, derivadas das Escrituras Sagradas e de Aristóteles, para construir sua visão de mundo e da realidade.

O advento da imprensa, porém, fez da disseminação do conhecimento algo possível, de uma forma nunca sonhada. Nesta mesma época novos conhecimentos sobre a realidade emergiram e desafiaram o *status quo* que perdurava havia séculos.

Até aquele momento a tradição intelectual do mundo Ocidental entendia que a terra era o centro da realidade e que todo o cosmo girava em torno dela. No centro da terra estava a cidade santa, Jerusalém, o lugar escolhido por Deus para sua habitação terrena nos tempos do Antigo Testamento e predito como o centro da terra mais uma vez depois do retorno de Cristo no Novo Testamento.

A visão geocêntrica recebeu um duro golpe com Copérnico⁶, e, mais tarde a descoberta astronômica de Galileu confirmou as predições de Copérnico de que o Sol era o centro e que a Terra girava em torno do Sol e o fim do geocentrismo causou uma crise de fé com referência ao lugar da humanidade no universo. Se a Terra não era o lugar especial preparado por Deus para os seres humanos, a coroa da criação, então qual era o lugar da humanidade?

Essas descobertas eram o bastante para causar em qualquer pessoa da época a perda do equilíbrio existencial.

Uma mudança como essa não envolve necessariamente a destituição do homem de sua elevada posição como coroa da criação, mas certamente suscita dúvidas quanto a validade de sua crença.

Além das descobertas numa escala macro, descobertas em escala micro ameaçavam os parâmetros estabelecidos de realidade. A invenção do microscópio⁷, com as revelações que trouxe acerca do mundo, provou ser tão perturbadora quanto as observações de Galileu sobre os céus.

Sob as lentes de um microscópio, objetos do cotidiano foram percebidos

⁶ Nicolau Copérnico viveu no momento áureo do Renascimento, embora destinado a tornar-se um princípio inquestionável de existência para psique moderna, o conteúdo essencial de sua visão era inconcebível para a maioria de seus contemporâneos europeus, mais do que outro fato, a percepção de Copérnico provocou e emblematizou o rompimento drástico e fundamental do mundo antigo e medieval com a Era Moderna.

⁷ O crédito por essa incrível invenção foi dado, em 1591, aos holandeses Hans Janssen e seu filho Zacarias, fabricantes de óculos. Eles ampliavam as imagens e observavam objetos muito pequenos por meio de duas lentes de vidro montadas nas extremidades de um tubo.

como sendo de uma natureza bem diferente daquela que o observador deduzia a olho nu.

Assim, os avanços na tecnologia, ao mesmo tempo que estenderam nossa capacidade de investigar a natureza do universo físico, tiveram o efeito reverso de destruir a história da realidade que os sentidos humanos haviam contado até então.

A destruição dessa história precipitou uma revolução no conhecimento humano, da qual emergiu uma visão radicalmente diferente da realidade que prevalece até nossos dias.

No entanto, a nova compreensão cobrou um alto preço. Já não se podia simplesmente confiar nos cinco sentidos para descobrir o verdadeiro estado das coisas.

E isso tem uma implicação geral, porque a própria autoridade é revista, sobretudo as reivindicações da Igreja e as alegações de revelação divina, foram questionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período conhecido como Renascença que compreende os séculos XV, XVI e XVII foi o período de mudança de paradigma da História Ocidental, onde o ser humano deslocou seu pensamento da esfera puramente religiosa para a material, científica e tecnológica, isso trouxe um impacto enorme para o pensamento cristão, visto que o homem passou a ser mais autônomo em relação a religião, a Igreja e a Deus.

O advento da Reforma que está imbricado ao Renascimento e da Reforma se encadeia a Revolução Científica é o momento histórico no Ocidente de grandes invenções, construções e mudança definitiva no pensamento do homem, onde a razão e a ciência são as molas propulsoras do existir do ser humano e não mais a religião.

BIBLIOGRAFIA

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DAWSON, Christopher. **A Divisão da Cristandade**. São Paulo: É Realizações, 2017.

GONZÁLEZ, J. L. **Uma História do Pensamento Cristão: da Reforma Protestante ao século XX**. Vol. 3. 2ª. ed., rev. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund (orgs.). **História Ecumênica da Igreja: Da Revolução Francesa até 1989**. Vl. 3. São Paulo: Loyola, Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2017.

MARCONDES, Danilo; JAPIASSU, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SAWYER, James. **Uma Introdução à Teologia: Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico**. São Paulo, Vida, 2010.

TARNAS, Richard. **A Epopeia do Pensamento Ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.